

## Revolução verde??

A partir da década de 70, intensifica-se a chamada revolução verde, programa idealizado para multiplicar a produção agrícola nos países menos desenvolvidos. Esse modelo incentiva o uso de sementes geneticamente modificadas, insumos, mecanização, produção em massa, irrigação, barateamento dos custos e gerenciamento de produção.

Santa Margarida do Sul, pequena cidade da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, mas com uma área rural significativa, não foge a esse modelo. Hoje, ao cultivar grãos como a soja, cevada, canola, trigo e milho, além de uva, cítricos e hortaliças, ostenta uma economia diversificada.

Para manter e ampliar a produção dessas culturas, os produtores se sentem dependentes dos fertilizantes, para “enriquecer” o solo, e dos agrotóxicos, para combater as pragas que atacam as suas lavouras. Com o passar do tempo, os efeitos dos agrotóxicos surgem, como a contaminação humana e do meio ambiente. As pragas tornam-se resistentes e, por isso, eles deixam de ser efetivos, levando à adição de mais aplicações ou o uso de novas moléculas ainda mais potentes. Quanto a isso, há posições antagônicas, que geram discussões.

Os defensores dos agrotóxicos argumentam que não há como garantir a produção e a sua qualidade sem os agrotóxicos e que inexiste a produção de agentes naturais que possa atender, só no Brasil, milhões de hectares de terra. O senhor Rogério Estrauzulas, um dos proprietários da fazenda Santa Eulália, reforça dizendo que são feitas várias pulverizações anuais nas suas lavouras e, se todos os produtores deixassem de fazê-las, a produção entraria em colapso, pois as pragas destruiriam as plantações e, como efeito, haveria a escassez de alimentos.

Já os que são contra o uso dos agrotóxicos afirmam que os riscos à saúde são evidentes, como o aborto, distúrbios cognitivos, de comportamento, endócrinos, conforme afirma a pesquisadora da Fiocruz, Lia Geraldo. Isso se manifesta de forma crônica pelos alimentos, ou aguda, àqueles que estão expostos ao produto, como aconteceu com o senhor Isaltino Teixeira, 71 anos, que disse, em entrevista, que, quando há pulverização, sofre náuseas, dor de cabeça e alergia. Ademais, argumentam que contaminam o solo, o ar e os cursos d'água, ameaçando a biodiversidade. O engenheiro agrônomo, Paulo Fassina, da Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente, alerta-nos que o aquífero fissural do escudo cristalino, que abastece o município, ainda não registra contaminação, mas poderá ocorrer, pois o uso dos agrotóxicos é abusivo e não há monitoramento adequado.

Embora reconheça que ainda inexista a produção de agentes tecnologicamente corretos que venha atender a todas as lavouras quanto ao combate às pragas, discordo do uso dos agrotóxicos. Sou partidário da cultura orgânica, porque não provoca malefício ao meio ambiente e ao ser humano. É mais saudável, nutritiva e saborosa que a convencional. Ainda que seu custo seja alto, vale à pena investir em qualidade do que adquirir um alimento mais barato, mas que ofereça riscos. Também das técnicas que não lesem a natureza, como o chá produzido a partir de plantas bioativas que repele pragas e atrai predadores naturais. E o falcão, um predador natural de ratos e caturritas que atacam o milho. Essa prática já é vivenciada por 200 agricultores familiares da região Sul do Estado. O seu sucesso fez com que a Embrapa, em Pelotas, encampasse a ideia, fazendo experimento com cinco plantas: a camomila, chinchilho, arruda, funcho e pata de vaca.

Assim, penso que não se resolverá a questão dos agrotóxicos a curto prazo. Mas, creio que somente com forte investimento em pesquisa, tanto de iniciativa governamental quanto privada, que se vislumbrará o caminho de uma agricultura sustentável. Temos que tirar lições do ontem e do hoje para alcançarmos um amanhã sem agressões ao planeta. A revolução verde não pode dar margem a interrogações. Há necessidade urgente de mudança de cultura, assim como priorizar a atenção à responsabilidade social. Os princípios da agroecologia precisam ser resgatados, pois, caso contrário, materializar-se-á o pensamento do antropólogo francês, Claude Lévi-Strauss, “O mundo começou sem o homem e acabará sem ele.”

Carloci D'Ávila Menezes Júnior, 3º ano Ensino Médio